

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

MARCIELEH LEMOS RODRIGUES

COLETIVO MARMITAS DA TERRA: ALTERNATIVA CAMPONESA DE BASE
SOLIDÁRIA PARA O ENFRENTAMENTO DA FOME EM CURITIBA/PR NO
CONTEXTO DA PANDEMIA DE COVID-19 (2020-2023)

CURITIBA

2023

MARCIELEH LEMOS RODRIGUES

COLETIVO MARMITAS DA TERRA: ALTERNATIVA CAMPONESA DE BASE
SOLIDÁRIA PARA O ENFRENTAMENTO DA FOME EM CURITIBA/PR NO
CONTEXTO DA PANDEMIA DE COVID-19 (2020-2023)

Artigo apresentado como requisito parcial à conclusão do curso de Especialização em Educação do Campo, Setor Litoral da Universidade Federal do Paraná.

Orientador: Prof. Dr. Marcelo Cunha Varela

CURITIBA

2023



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SETOR LITORAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EDUCAÇÃO DO CAMPO E A
REALIDADE BRASILEIRA A PARTIR DE SEUS
PENSADORES - 40001016329E1

TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação EDUCAÇÃO DO CAMPO E A REALIDADE BRASILEIRA A PARTIR DE SEUS PENSADORES da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da Monografia de Especialização de **MARCELEH LEMOS RODRIGUES**, intitulada: **COLETIVO MARMITAS DA TERRA: ALTERNATIVA CAMPONESA DE BASE SOLIDÁRIA PARA O ENFRENTAMENTO DA FOME EM CURITIBA/PR NO CONTEXTO DA PANDEMIA DE COVID-19 (2020-2023)**, que após terem inquirido a aluna e realizada a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua **APROVAÇÃO**, com conceito **APL** no rito de defesa. A outorga do título de especialista está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

MATINHOS, 04 de Dezembro de 2023.

MARCELO CUNHA VARELLA
Presidente da Banca Examinadora

ÂNGELA MASSUMI KATUTA
Avaliador Externo (UFPR - SETOR LITORAL)

ANDREA FRANCINE BATISTA
Avaliador Interno (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

Documento assinado digitalmente
 MARCELO CUNHA VARELLA
Data: 28/12/2023 20:18:20-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Documento assinado digitalmente
 ANGELA MASSUMI KATUTA
Data: 28/12/2023 15:26:13-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Documento assinado digitalmente
 ANDREA FRANCINE BATISTA
Data: 28/12/2023 15:06:12-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Coletivo Marmitas da Terra: alternativa camponesa de base solidária para o enfrentamento da fome em Curitiba/PR no contexto da pandemia de covid-19 (2020-2023)

Marcieleh Lemos Rodrigues

RESUMO

Frente aos desafios sanitários, econômicos e sociais que a pandemia de COVID-19 gerou no Brasil, temos no aumento da fome uma das sequelas mais perversas da crise. O artigo tem como objetivo evidenciar as ações de resistência camponesa no espaço urbano no combate à fome no contexto de pandemia da COVID-19 em Curitiba- Paraná no período entre 2020-2023 e compartilha a experiência do Coletivo Marmitas da Terra e sua mobilização para a produção, preparo e distribuição de mais de 19 toneladas de alimentos e 180 mil marmitas na capital paranaense. A pesquisa baseia-se em uma breve análise de conjuntura em que o coletivo está inserido e na sistematização de suas formas de organização e trabalho coletivo. O método que será utilizado é a Geografia em movimento, que se compromete com a emancipação social e que entende que a luta social popular e seus movimentos sociais podem encontrar caminhos e tecer soluções para os problemas vividos em sociedade.

Palavras-chave: Insegurança alimentar. Movimentos Sociais. Ações de solidariedade.

1 INTRODUÇÃO

“Madrugada Camponesa”- Thiago de Mello

Madrugada camponesa,
faz escuro ainda no chão,
mas é preciso plantar.
A noite já foi mais noite,
a manhã já vai chegar.
Não vale mais a canção
feita de medo e arremedo
para enganar solidão.
Agora vale a verdade
cantada simples e sempre,
agora vale a alegria
que se constrói dia-a-dia
feita de canto e de pão.
Breve há de ser (sinto no ar)
tempo de trigo maduro.
Vai ser tempo de ceifar.
Já se levantam prodígios,
chuva azul no milharal,
estala em flor o feijão,
um leite novo minando
no meu longe seringal.
Já é quase tempo de amor.
Colho um sol que arde no chão,
lavro a luz dentro da cana,
minha alma no seu pendão.
Madrugada camponesa.
Faz escuro (já nem tanto),
vale a pena trabalhar.
Faz escuro mas eu canto
porque a manhã vai chegar.
(Faz escuro, mas eu canto)

Ao olharmos o Brasil entre os anos de 2020 e 2023, não é difícil perceber o aumento da pobreza, das desigualdades sociais e a forma como o fenômeno da fome se ampliou no país. Segundo a pesquisa realizada pela Rede Brasileira de Pesquisa em Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional (Rede Penssan) e divulgada pelo jornal Folha de S. Paulo (VEIGA, 2022), estima-se que 55,2% das famílias brasileiras sofrem com insegurança alimentar.

Deste total, 9% da população do país está exposta a níveis mais críticos de falta de acesso aos alimentos, valor que equivale a uma parcela de 19,1 milhões de habitantes que sentem no estômago a piora nas condições de vida dos/as brasileiros/as mais pobres. A Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura (FAO), em seu glossário descreve a fome como uma sensação desconfortável ou dolorosa causada pelo consumo insuficiente de calorias, uma privação alimentar¹ e foi essa experiência que muitos brasileiros e brasileiras tiveram que enfrentar no decorrer da pandemia.

Para além da fome, a Rede Penssan (2022) caracteriza que a insegurança alimentar ocorre quando uma pessoa não tem acesso regular e permanente a alimentos e os níveis de insegurança podem ser classificados em três níveis: leve, moderado ou grave². Desta forma, a rede também destaca o que é a segurança alimentar.

Segurança Alimentar e Nutricional (SAN) é a realização do direito de todos ao acesso regular e permanente a alimentos de qualidade, em quantidade suficiente, sem comprometer o acesso a outras necessidades essenciais, tendo como base práticas alimentares promotoras de saúde, que respeitem a diversidade cultural e que sejam social, econômica e ambientalmente sustentáveis (BRASIL, 2006, p.1).

Frente ao desafio de entender o problema do aumento da insegurança alimentar a partir de uma análise geográfica, o presente artigo tem como objeto uma das alternativas camponesas de base solidária para o enfrentamento da fome em Curitiba- PR no contexto da pandemia de COVID-19 e tem como objetivo

¹ Disponível em <https://www.unicef.org/brazil/comunicados-de-imprensa/relatorio-da-onu-numeros-globais-de-fome-subiram-para-cerca-de-828-milhoes-em-2021#:~:text=Refere%2Dse%20%C3%A0%20falta%20de,os%20padr%C3%B5es%20normais%20de%20alimenta%C3%A7%C3%A3o>. Acesso em 15/09/2023.

² As diferenças entre os níveis de insegurança alimentar são: leve: incerteza quanto ao acesso a alimentos em um futuro próximo e/ou quando a qualidade da alimentação já está comprometida. Moderada: quantidade insuficiente de alimentos. Grave privação no consumo de alimentos e fome. Disponível em: <https://olheparaafome.com.br/>. Acesso em 15/09/2023.

compreender e registrar as ações de solidariedade realizadas pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra- MST no combate à fome na capital paranaense.

O geógrafo Josué de Castro foi um dos pioneiros em pensar a fome e a realidade brasileira e em seu livro, *Geografia da Fome*, publicado em 1946, já a identificava como um fenômeno social, com uma espacialidade própria que é expressão e cria fluxos e dinâmicas que produzem espaço e disputam territórios, tanto urbanos como agrários. Para estudar a fome e as relações que se estabelecem no espaço agrário, temos como ponto de partida a imposição do Regime Alimentar Corporativo (RAC) na agricultura brasileira que corresponde ao processo de mercantilização e financeirização de um direito.

A partir desta perspectiva capitalista, os alimentos são vistos como caminhos para a obtenção de lucro, em um processo crescente de mercantilização e financeirização da agricultura³, marcado pela concentração e comercialização de alimentos e insumos em posse de poucos grupos econômicos que atuam em nível internacional, conforme aponta Goldfarb (2012).

As prioridades e intencionalidades são regidas pelo capital e pelo mercado financeiro, que geram um novo ordenamento para a estruturação da produção agrícola, com suas flutuações, projeções e especulações de taxas de crescimento e lucro que deixam à mercê a produção de alimentos que atenda as necessidades básicas de consumo interno.

A comida perde aqui seu status de alimento e se transforma em mais uma mercadoria a circular a partir da lógica do capital financeiro e uma das consequências apontadas por Goldfarb (2012) é justamente a perda de segurança alimentar e o aumento da fome.

Paulo Freire (2014), em seu livro *Educação como Prática de Liberdade*, já apontava o caráter ocultista das elites do Brasil, ocultando seus problemas reais tal qual é a fome, a falta de segurança e soberania alimentar, consequentemente os latifúndios, as monoculturas, a concentração de terras e a violência no campo, fruto do acirramento dos conflitos fundiários que marcam a história brasileira. Entende-se que é por meio da pesquisa científica compromissada e da disputa pela construção

³ Para Goldfarb (2012, p. 33), pode-se compreender-se que a agricultura é condicionada pelo modo de produção capitalista em sua etapa neoliberal, promovendo uma financeirização da economia que tem como uma de suas bases a especulação em torno da produção agrícola.

de alternativas que, aos poucos, o ocultismo dá lugar a uma compreensão e conscientização crítica dos processos sofridos por nosso país, rompendo dessa maneira com os processos de ideologização.

Desta forma, o artigo possui dois eixos centrais, o primeiro destinado a uma análise de conjuntura para situar o debate e o contexto onde se inserem o Coletivo Marmitas da Terra e o segundo voltado para uma caracterização do coletivo e sistematização de suas ações e organicidade que envolvem desde o cultivo até a distribuição dos alimentos.

O método que foi utilizado foi a Geografia em movimento, que se compromete com a emancipação social e que entende que a luta social popular e seus movimentos sociais podem encontrar caminhos e tecer soluções para os problemas vividos em sociedade. Para essa perspectiva, o/a pesquisador compreende que teoria e a prática são inseparáveis e que estar em movimento nos permite captar a relação do saber científico e do fazer popular, conforme aponta Bartholl (2018).

2 UMA POSSÍVEL ANÁLISE DE CONJUNTURA SOBRE CURITIBA: A LÓGICA DE PRODUÇÃO DE ALIMENTOS E A FOME NA CAPITAL PARANAENSE.

Para abordar a fome em Curitiba e as ações de base solidária necessárias para combatê-la, mostra-se primordial escolher uma metodologia para nos aproximar dessa complexidade de sujeitos, atores e interesses que disputam e configuram a cidade.

Herbert José de Souza, em seu livro *Análise de Conjuntura* (1984), aponta que para tomar decisões é preciso nos basear em uma avaliação da situação que considere algumas categorias como acontecimentos, cenário, atores, relações de força e a articulação entre a estrutura e a conjuntura. Para o autor, as cinco categorias citadas dão conta de trazer dimensões da representação da vida que estão em disputa quando consideramos a realidade política.

Neste artigo, inspirados em Souza (1984), estruturamos o primeiro momento do texto com elementos para uma análise de conjuntura a partir das categorias expostas, de forma a sintetizar o contexto de formação e a atuação do Coletivo Marmitas da Terra.

É importante lembrar que ao optar por ler uma conjuntura, pode-se adotar duas óticas diferentes: - uma que considere a situação ou o ponto de vista daqueles que

são os dominantes, ou uma segunda perspectiva, que considere o ponto de vista dos dominados, aqueles que fazem oposição ao poder dos primeiros. Desta forma, neste artigo vamos contar as estratégias das classes populares organizadas em movimentos sociais frente à lógica capitalista dominante.

2.1. ACONTECIMENTOS:

Para Souza (1984), ao se retratar os acontecimentos estamos escolhendo fatos com sentidos especiais que se caracterizam pela capacidade de uma sociedade ou grupo olhar para si e se perceber, como sujeitos históricos.

Como acontecimentos relevantes estão a pandemia de COVID 19, iniciada em 2020 nos diferentes continentes e o modo como essa crise sanitária atingiu o Brasil, alcançando uma parcela significativa de sua população e modificando rotinas e hábitos.

Outro importante acontecimento foi o momento político de nosso país, que após o golpe jurídico, parlamentar e midiático sofrido pela presidenta Dilma Roussef em 2016 e o governo do Michel Temer, tem na eleição de Jair Messias Bolsonaro no ano de 2018 a concretização de um governo de extrema-direita, baseado em uma política em favor das elites do país, tendo na bancada da bala, do boi, da bíblia e dos bancos seus principais aliados.

Com o fortalecimento de políticas voltadas para a elites do país, temos um abismo de desigualdades sociais que crescem e que podem ser percebidas na diminuição de políticas públicas e programas sociais para as camadas mais empobrecidas da população brasileira, como a extinção do Bolsa Família em outubro do ano de 2021.

2.2. CENÁRIOS:

Abordar os cenários que resultam na fome como fenômeno sócio espacial na cidade de Curitiba é necessário compreender que a esfera local está inserida em um conjunto de elementos que vão além de uma paisagem estática ou uma simples fotografia. Para configurar o cenário, temos que entender os atravessamentos que produzem as tramas que o configuram.

As tramas que tecem esse cenário conectam múltiplas escalas de análise e ritmos, onde o local, o regional, o nacional e o global interagem dialeticamente e criam uma particularidade. Na obra de Milton Santos (2000) destaca-se uma importante

contribuição que ajuda na compreensão de como esses processos ocorrem, visto que o autor debate como ocorre a internacionalização do mundo capitalista e como as técnicas e as políticas se territorializam e produzem novos sistemas técnicos e mercados globais. Para Milton Santos (2000, p. 24)

Os fatores que contribuem para explicar a arquitetura da globalização atual são: a unicidade da técnica, a convergência de momentos, a cognoscibilidade do planeta e a existência de um motor único na história, representada pela mais valia globalizada.

O cenário a ser percebido quando analisamos a fome em Curitiba necessita considerar essa arquitetura da globalização descrita e a forma como as lógicas locais estão em sintonia com essa convergência de momentos e técnicas do meio técnico-científico-informacional.

Contudo, sabemos que a globalização pode estar associada a fábula da aldeia global, onde há um intercâmbio de técnicas e a conexão de diferentes locais do planeta que, juntos, cooperam e desfrutam dos benefícios da ciência, da economia e do desenvolvimento humano. Formam-se redes sociais, como a mundial de computadores e tantas outras formas de aproximar e relacionar o distante e o próximo, mas também de fornecer matérias-primas, riquezas e mercado consumidor sob uma lógica de Divisão Internacional do Trabalho que privilegia os países do norte global.

Milton Santos, em sua obra “Por uma outra globalização” (2000) desconstrói fábulas e demonstra quão perversa pode ser a suposta integração que esse fenômeno gera nos espaços locais. A pandemia vivida nos últimos anos pode dar visibilidade às diferenças entre países ricos e pobres, entre as periferias e os centros, entre aqueles que podem decidir e entre aqueles que são enquadrados para acatar e obedecer.

Para dizer do cenário que se configura quando pensamos a fome se faz fundamental percorrer aspectos da geopolítica e refletir sobre como somos afetados por essas relações. Carlos Walter Porto Gonçalves (2017) nos ajuda a compreender estas relações de espaço e poder a partir de uma leitura baseada no sistema-mundo moderno colonial estabelecido em 1492 e destaca que mesmo com o fim da maioria dos processos de colonização, ainda sobrevive em nosso tempo o caráter colonial do sistema mundo: a colonialidade do ser e do saber que é eurocentrista.

A permanência da colonialidade no sentir-pensar das antigas colônias e em suas respectivas metrópoles europeias, como é o caso brasileiro e português, pode ser entendida segundo Porto-Gonçalves (2017) por um sistema de poder e saber colonial racializado de larga duração que habita o espaço tempo em que vivemos. Não

podemos correr o risco de naturalizar as relações sociais que se estabelecem neste sistema de poder e é preciso considerar esses elementos no cenário do cotidiano.

Outros eixos centrais que estão nos fundamentos do sistema mundo moderno colonial são tanto o pilar capitalista como o territorialista Porto-Gonçalves (2017). Há uma articulação desses dois pilares que promoveu (promove) uma acumulação de capital em uma face à exploração e a desterritorialização dos dominados do outro lado, e que dão origem às desigualdades que se aprofundam. Tanto o pilar capitalista com o territorialista apresentam uma complementariedade e influenciam as relações de poder nas escalas locais.

Pilar territorialista

O pilar territorialista está associado com a dimensão espacial das relações de poder territorial e é resultado dos conflitos e tensões que constituem os Estados em seus diferentes processos de formação do território.

Cada processo de formação territorial possui particularidades, mas os territórios colonizados pelos europeus nos continentes da América, África e Ásia possuem táticas de ocupação e exploração em comum. O resultado desses processos são uma soberania conquistada através de lutas de classe que se sustenta pela negação do outro (não europeu) PORTO-GONÇALVES (2017), compreendendo-o em uma perspectiva racializada como inferior e, não raro, como não humano.

Desta forma, o pilar territorialista do sistema-mundo confere uma falsa unidade aos territórios dos Estados, ao naturalizar relações de poder hierarquizadas a partir da lógica e dos interesses dos colonizadores e da colonialidade. Em Curitiba, percebe-se o pilar territorialista nos discursos e práticas que inviabilizam e/ou precarizam a presença indígena e negra na cidade, destacando apenas as contribuições e os sujeitos históricos ligados aos colonizadores portugueses e espanhóis e dos descendentes dos demais grupos europeus, seja em nomes de praças, estátuas, bosques ou na própria rota turística propagandeada no city marketing da capital.

Quando observamos os registros das ações de solidariedade, vemos que são justamente esses grupos invisibilizados em nosso processo de formação territorial, os grupos não-europeus, que ocupam as praças e periferias curitibanas em busca de alimentos. Há um esforço para manter esses grupos à margem e ocupar as ruas do centro da capital semanalmente com mais de 700 pessoas a espera de alimento é

evidenciar resistências e lógicas de cooperação que insistem em auxiliar na manutenção da vida desses sujeitos sociais.

As ações de solidariedade se intensificaram devido a pandemia, mas mesmo neste cenário de vulnerabilidade, houve na capital projetos de lei e ameaças de multas para aqueles que distribuem alimentos sem autorização da prefeitura⁴. O próprio prefeito Rafael Greca enviou à Câmara Municipal de Curitiba (CMC) o projeto para burocratizar a entrega de alimentos na cidade, com foco na entrega para as pessoas em situação de rua que, segundo dados recentes do Relatório “População em Situação de Rua - Diagnóstico com base nos dados e informações disponíveis em registros administrativos e sistemas do governo federal”⁵ somam mais de 3.400 pessoas na capital.

Pilar Capitalista

Diferente do eixo anterior, vemos que o pilar capitalista se constitui ao conectar Estados e pessoas, criando redes, movendo fluxos e ampliando lucros em escala global. Segundo Porto- Gonçalves (2017), há uma complexificação do desenvolvimento capitalista em termos de suas forças produtivas que, através das classes capitalistas de gestores e burguesia, ampliam e atualizam as formas de extração de mais-valia.

Para essa ampliação da mais-valia nos diferentes territórios dos Estados Nações, os governos e países se adaptam ao oferecer as condições gerais de produção como redes de energia, transporte e comunicação que conseguem oferecer fluidez e atratividade para as áreas. Curitiba é uma cidade referência em investimentos em *City marketing*, justamente por essa oferta de infraestrutura para empresas locais e transnacionais⁶ e a rápida adaptação para as novas demandas do mercado.

⁴ Disponível em <https://g1.globo.com/pr/parana/noticia/2021/03/31/prefeito-rafael-greca-cria-projeto-de-lei-para-multar-quem-distribuir-comida-a-moradores-de-rua-sem-autorizacao-em-curitiba.ghtml>.

Acesso em 29/08/2023.

⁵ BRASIL. Ministério do Direitos Humanos e da Cidadania. POPULAÇÃO EM SITUAÇÃO DE RUA - Diagnóstico com base nos dados e informações disponíveis em registros administrativos e sistemas do Governo Federal. Brasília: MDHC, 2023. Disponível em: https://www.gov.br/mdh/pt-br/navegue-por-temas/populacao-em-situacao-de-rua/publicacoes/relat_pop_rua_digital.pdf. Acesso em: 16 de agosto de 2023.

⁶ Disponível em: <https://pt.linkedin.com/pulse/o-city-marketing-e-experi%C3%Aancia-transm%C3%ADdia-da-de-curitiba-sastre>. Acesso em: 10/09/2023.

As cidades e o consumo ocupam apenas parte da divisão técnica e social do trabalho, conforme aponta Porto-Gonçalves.

No interior dos espaços delimitados onde impera a dinâmica capitalista como produção de mercadorias se impõem a divisão do trabalho tanto técnica como social, o que implica uma divisão espaço/territorial do trabalho. (PORTO-GONÇALVES, 2017, p. 19).

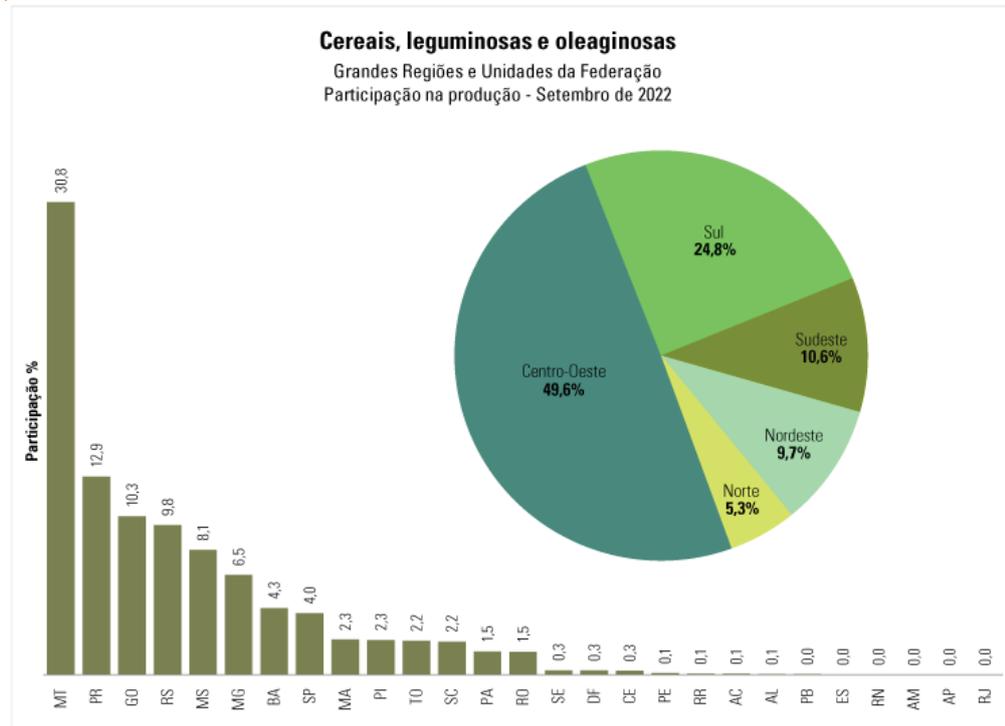
O pilar capitalista é o que reforça as diferenças e divisões da produção, em processo de apropriação privada da riqueza social. Aqui está outro ponto central para analisar o cenário em que estamos inseridos, pois quem domina a natureza e as forças produtivas, também influencia as relações sociais e de poder estabelecidas.

Yamila Goldfarb ao analisar as políticas neoliberais e a produção de alimentos, define que há um novo padrão de circulação de alimentos porque vigora o Regime Alimentar Corporativo- RAC. Para a autora, ocorrem mudanças na produção, circulação e distribuição dos alimentos e os circuitos mundiais de sua distribuição geram poder de monopólio (GOLDFARB, 2015, p. 33).

A hipótese defendida por Yamila concentra-se na consolidação e aprofundamento da hegemonia das corporações do setor agroalimentar no Brasil e Argentina e o modo como estas modificam as configurações espaciais no campo.

Além disso, as corporações promovem uma financeirização da agricultura capitalista através do mercado de commodities e do sistema financeiro internacional. Para exemplificar a financeirização podemos tomar como exemplo a produção de cereais, leguminosas e oleaginosas e suas contribuições importantes para a produção agrícola no país, conforme o gráfico 01 a seguir:

GRÁFICO 01. PRODUÇÃO DE CEREAIS, LEGUMINOSAS E OLEAGINOSAS NO BRASIL EM SETEMBRO DE 2022.



Fonte: Agência IBGE. 2022.⁷

O gráfico da coluna representa o percentual de participação dos diferentes estados da federação, de forma a individualizar as produções estaduais. No setograma há uma divisão regional de acordo com os critérios do IBGE, onde é possível perceber uma concentração das atividades de produção de cereais, leguminosas e oleaginosas no Centro-Oeste, Sul e Sudeste brasileiro

É importante destacar as presenças e as ausências, ou inexpressividade, no gráfico apontado, pois nota-se uma especialização de alguns estados brasileiros nas atividades agrícolas com altas taxas de produção, ao passo que estados da região Norte e Nordeste apresentam taxas menores de 1%, como é o caso dos estados do Amazonas, Amapá, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco e Ceará.

Através da análise dos dados destaca-se que a região Centro- Oeste sozinha é responsável por 49,6% da produção e o estado do Mato Grosso é o carro-chefe, contabilizando dessa forma quase metade da produção nacional. Os estados da região Sul do Brasil contribuem com 24,8% da produção e o Paraná ocupa a segunda

⁷ Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/35136-em-setembro-ibge-preve-safra-recorde-de-261-9-milhoes-de-toneladas-para-2022>. Acesso em: 15/09/2023.

posição com 12,9% de participação nessa produção, alavancado sobretudo pelo cultivo de commodities da soja e do milho.

Mesmo em meio a tanta produção agrícola nas diferentes regiões do país, vemos que a lógica capitalista acentua desigualdades e contradições dentro e fora dele. De um lado, temos a divisão internacional do trabalho que produz fluxos de exportação das commodities brasileiras para parceiros comerciais com safras recordes, de alta produtividade e, do outro lado, temos uma parcela crescente de brasileiros que enfrentam o aumento da insegurança alimentar e da fome.

Para caracterizar a fome e a insegurança na região sul do Brasil, a Rede Penssan, em seu site de divulgação de resultados (<https://olheparaafome.com.br/>) nos provoca a olhar para a insistência desse fenômeno em todas as regiões do país através da hashtag #AFomeTemLugar. Os estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná, mesmo sendo importantes produtores agrícolas, são lugares da fome no país, visto que 21,7% da população da região convive com formas moderadas ou graves de insegurança alimentar e é aqui onde a cidade de Curitiba se insere.

2.3. ATORES:

Para compreender quem são os atores no contexto da análise de conjuntura é preciso retomar o que significam as categorias do Herbert de Souza. Para o autor

O ator é alguém que representa e encarna um papel dentro de um enredo, de uma trama de relações. Um determinado indivíduo é um ator social quando ele representa algo para a sociedade (para o grupo, a classe, o país) encarna uma ideia, uma reivindicação, um projeto, uma promessa, uma denúncia. (SOUZA, 1984, p. 12)

A partir dessa compreensão, considera-se que os principais atores envolvidos nesta análise são as populações mais vulneráveis de Curitiba, com destaque para a população em situação de rua e as comunidades das ocupações urbanas atendidas pelo Coletivo Marmitas da Terra.

Enquanto apenas indivíduos que lutam pelo direito à alimentação, não há a configuração de atores sociais. A partir do momento que essas demandas individuais se refletem em organização popular e coletividade, vemos surgir um importante ator social em Curitiba que se mobiliza em torno de pautas como a moradia e o combate à fome.

Os movimentos sociais se formaram a partir de demandas concretas e, no decorrer da pandemia em Curitiba, as pautas de combate à fome e o Despejo Zero foram ponto de convergência entre movimentos sociais do campo e da cidade, como o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra- MST e o Movimento Nacional da População de Rua- MNPR.

A gestão da Prefeitura Municipal de Curitiba- PMC e seu controle sobre a Fundação de Ação Social de Curitiba- FAS e a Guarda Municipal de Curitiba é também um importante ator no contexto curitibano, visto que representam o poder institucionalizado e a implementação de políticas públicas vigentes no município.

Por fim, aponta-se o protagonismo que o Regime Alimentar Corporativo- RAC e sua atuação hegemônica na produção agrícola no Paraná exerce sobre a oferta, a produção, a circulação e a distribuição dos alimentos no estado. No RAC temos uma mudança do papel do alimento dentro da lógica capitalista e há um domínio das cadeias produtivas por grandes corporações que possibilitam uma homogeneização e padronização dos sistemas alimentares que promove tanto a concentração fundiária por meio dos latifúndios, como a retirada das populações camponesas do campo.

2.4. RELAÇÕES DE FORÇA

Os diferentes atores sociais elencados anteriormente são uma parcela significativa das relações de força que atuam em Curitiba em contraposição ao Coletivo Marmitas da Terra. Quando observamos os interesses defendidos por esses atores chegamos a impasses e conflitos que exigiram estratégias e enfrentamentos tanto nos discursos, quanto no uso dos espaços públicos da cidade e ações coletivas.

A gestão atual da Prefeitura Municipal de Curitiba (2021-2024), ao enviar um projeto de lei que proíbe a distribuição de marmitas na cidade, possui uma intencionalidade oposta aos movimentos sociais que, de forma solidária, ocupam o espaço urbano e atuam para combater a fome. A intencionalidade é utilizar o aparato político para viabilizar um discurso higienista e segregador, que quer esconder e marginalizar a pobreza e as parcelas mais pobres da população.

É preciso entender que o projeto de lei em questão e a atual gestão, nos discursos e práticas institucionais, não se preocupa com combate às desigualdades sociais, pois sua atenção é na imagem que Curitiba terá se houverem populações em situação de rua nas marquises da capital ou longas filas à espera de uma refeição.

Contudo, da mesma maneira que apontamos que o cenário de análise ultrapassa a cidade de Curitiba, as relações de força também extrapolam os limites municipais da capital. A postura da gestão da prefeitura descrita é um exemplo do que Milton Santos (2000) denomina de perversidade sistêmica. Podemos caracterizar a pandemia de COVID 19 como uma grande fábrica de perversidade e o aumento da fome como uma de suas faces.

Para Milton a perversidade sistêmica gera uma compreensão que vê o outro como obstáculo, sob um viés da competitividade e resulta em “[...] situações onde a fome deixa de ser um fato isolado e passa a ser um dado generalizado e permanente”. (SANTOS, 2000, p. 62)

O autor também aponta que perversidade gerada via globalitarismos naturaliza processos como a fome, o desemprego, a pobreza e enfraquece as solidariedades existentes entre as pessoas, classes e regiões. Logo, contrapor essa lógica perversa através da coletividade e solidariedade locais gera uma disputa de forças que se contrapõem à naturalização de exclusões e desigualdades.

Outro eixo central está em perceber as forças que atuam para além do viés econômico, como é o caso da colonização. Para Carlos Walter “[...] a experiência colonial nos oferece uma perspectiva própria de crítica a esse sistema mundo capitalista moderno colonial que vai além da crítica ao capitalismo, embora a incorpore.” (PORTO- GONÇALVES, 2017, p. 03)

É possível perceber a colonialidade entre as tramas que marcam as relações de força, por vezes naturalizada, mas que insiste em exportar commodities para as metrópoles e reforçar uma Divisão Internacional do Trabalho que nos determina a produzir matérias-primas, mesmo que isso impacte na segurança e soberania alimentar do país e no modo como o latifúndio agroexportador se mantém vigente e ainda contribui para a concentração de terras no país.

2.5. ANÁLISE DE FATOS

Para finalizar uma análise de conjuntura Herbert de Souza (1984) aponta para as articulações possíveis entre esta e a estrutura e relaciona o conjunto das forças por trás de acontecimentos. Cria-se um elo que permite unir acontecimentos com forças, movimentos, contradições e condições que acontecem previamente aos eventos, dando contexto aos fatos.

O fenômeno da fome é persistente no Brasil. Em 2014, após estratégias de promoção de segurança alimentar e nutricional, o país saiu do Mapa da Fome da Organização das Nações Unidas (ONU), o que significa dizer que menos de 2,5% da população brasileira enfrentava a falta crônica de alimentos.

As políticas públicas e estratégias que geraram os baixos índices não se sustentam e devido a fragilidade em conseguir manter-se nesse patamar, segundo consta no site Agência Senado⁸, o Brasil retorna no ano de 2015 ao Mapa da Fome, com parcelas da população que aumentam ainda mais com a pandemia de COVID 19 no ano de 2020 e alcançam 58,7% da população em diferentes níveis de insegurança alimentar.

Desta forma, fechamos este momento de análise de conjuntura com uma síntese dessa metodologia de estudo da realidade e sua importância nos movimentos populares visto que toda a análise de conjuntura só adquire sentido quando é usada como um elemento de transformação da realidade – análise interessada em produzir uma intervenção política. (SOUZA, 1984, p. 15)

O conjunto das categorias que o autor utiliza geram leituras mais profundas do contexto social e das intervenções necessárias. Após o retorno do Brasil ao Mapa da Fome e o aumento da pobreza na capital paranaense, a socialização das ações do coletivo são uma forma de visibilizar as intervenções e a criatividade política que os movimentos urbanos e camponeses produziram e produzem a partir de um olhar um tanto gramsciano que é pessimista na análise, mas otimista na ação.

3. COMER É UM ATO POLÍTICO: O COLETIVO MARMITAS DA TERRA, O FAZIMENTO E A PRÁXIS

– *Quem estará nas trincheiras ao teu lado?*
– *E isso importa?*
– *Mais do que a própria guerra.*
Ernest Hemingway

O mês de março de 2020 marca o início da pandemia de COVID 19 no Brasil. Outro acontecimento importante desse mês foi o I Encontro Nacional de Mulheres

⁸ Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/infomaterias/2022/10/retorno-do-brasil-ao-mapa-da-fome-da-onu-preocupa-senadores-e-estudiosos#:~:text=O%20pa%C3%ADs%20havia%20sa%C3%ADdo%20do,meados%20da%20d%C3%A9cada%20de%201990>. Acesso em 15/09/2023.

Sem-Terra, que ocorreu na cidade de Brasília entre os dias 05 e 09 de março. O evento marcou os 36 anos do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra e teve como lema “Mulheres em luta, semeando resistência”. O Paraná foi representado por dois ônibus de militantes das diferentes regiões do estado, tanto de acampamentos e assentamentos da Reforma Agrária, como apoiadoras de contextos urbanos.

Após o retorno para suas comunidades de origem, as mais de 3.500 mulheres de diferentes regiões e estados brasileiros tiveram o compromisso de levar sementes de resistência para os árduos períodos que se seguiram, com o agravamento da pandemia e seus impactos na saúde, na economia e na política brasileira.

Na cidade de Curitiba, após o choque inicial com as proporções de disseminação e a necessidade de fazer isolamento domiciliar (lockdown) , uso de máscaras, álcool gel e distanciamento social, ficou evidente que uma parcela da população permaneceria à margem também desses cuidados, pois já era marginalizada há bastante tempo nas marquises e praças da capital.

Com a pandemia, existia a demanda concreta por alimentação para pessoas em situação de vulnerabilidade, com destaque para a população em situação de rua, mas também trabalhadores desempregados à procura de empregos, idosos e entregadores de aplicativos. São grupos que notadamente ficam ainda mais deslocados no contexto da pandemia e que geram mobilização social em torno de sua demanda mais imediata, a fome.

No mês de abril de 2020 iniciam as ações do Movimento Nacional da População de Rua (MNPR) que é pioneiro na cidade ao propor uma cozinha comunitária em caráter emergencial, com apoio de voluntários para o preparo e de doações de insumos. Os primeiros momentos de preparo ocorrem em um local cedido no Sindicato dos Correios de Curitiba, em uma área próxima à região central da cidade e de fácil acesso para as entregas das marmitas, conforme aponta o importante trabalho de sistematização de Lunardon (2022).

É importante citar essa iniciativa porque ela se relaciona com a formação do Coletivo Marmitas da Terra, visto que há uma cooperação entre o núcleo de militantes do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST) com a cozinha comunitária do MNPR.

Neste apoio, em um primeiro momento os militantes que estavam em Curitiba e não haviam retornado para suas comunidades na pandemia auxiliavam os preparos na cozinha do MNPR, depois adotaram a responsabilidade de preparar às quartas-

feiras as marmitas e, por fim, deixam de utilizar o espaço cedido pelo Sindicato dos Bancários e organizam uma cozinha própria no Centro de Formação Urbano-Rural Irmã Araújo (CEFURIA). Há aqui um pouco daquelas sementes de resistência e mobilização popular que insistem em brotar mesmo quando o cenário é adverso.

As sementes das ações do Coletivo Marmitas da Terra nascem como uma forma de apoiar o MNPR em suas crescentes demandas por alimentos vinda da população mais vulnerável do centro da capital. O dia 02 de maio de 2020 marca o início das ações do coletivo, que começou com a produção de 300 marmitas a cada quarta-feira.

Um dos pontos marcantes deste começo de atuação foi a forma como a realidade concreta moldou o coletivo e suas demandas, pois os registros das ações de solidariedade nas redes sociais e o tamanho das filas a cada quarta-feira causou um aumento do número de voluntários e de marmitas necessárias. Ao final de 2020 já eram necessárias 700 marmitas toda as quartas-feiras e o número de militantes estava em torno de 150 pessoas.

Outro elemento que merece destaque foi perceber o acúmulo político que outras mobilizações na capital paranaense geraram, com destaque para a Vigília Lula Livre e seu protesto contra a prisão arbitrária do atual presidente Luís Inácio Lula da Silva. Foram 580 dias de resistência e mobilização em frente à Superintendência da Polícia Federal de Curitiba (PR) que resultaram não apenas na saída do presidente no dia 08 de novembro de 2019 após o Supremo Tribunal Federal decidir pela proibição das prisões após condenação em segunda instância, mas também de conexões e redes de apoiadores que estreitaram laços no cotidiano e que mesmo após o fim da vigília se mantinham em diálogo e em ações conjuntas.

Entre aqueles que fizeram parte do coletivo temos um perfil amplo de participantes que se somam ao *fazimento*⁹ das marmitas, tanto militantes do MST, como participantes da Vigília Lula Livre ou de outros movimentos sociais da capital ou ainda apoiadores que se aproximam via redes sociais.

Para fins didáticos, dividimos parte do texto para a análise das/dos militantes que fazem parte do coletivo e outro momento voltado para as atividades realizadas pelo coletivo, que se organiza desde o plantio e produção dos alimentos, o preparo, a

⁹ Termo utilizado no Coletivo Marmitas da Terra que se refere ao preparo dos alimentos e a montagem das marmitas.

distribuição marmitas até as demais ações de mobilização e formação política em comunidades urbanas e rurais.

Para produzir uma análise dos militantes do coletivo foi proposta uma entrevista semiestruturada através de um questionário online. No total, 19 militantes do coletivo responderam ao questionário e a sistematização das respostas e das vivências compartilhadas apresentadas nas linhas que seguem fez parte de um esforço para perceber as potencialidades do coletivo e os desafios encontrados.

3.1. SOBRE OS MILITANTES DO COLETIVO

Há muitas formas de se produzir conhecimento e estudar as geografias. Há modos em que a separação entre o objeto de estudo está bem demarcada e uma relação de exterioridade marca o processo.

Estudar e refletir sobre o Coletivo Marmitas da Terra (Marmitas), para a autora do texto, é também compartilhar cotidiano do que são as ações de solidariedade, os mutirões, a partilha dos alimentos, eventos e os processos organizativos do coletivo, que unem tanto ações no contexto urbano e suas periferias, como o campo e os assentamentos e acampamentos de Reforma Agrária.

Autores como Porto-Gonçalves (2017) destacam a energia criativa dos movimentos sociais e a forma como eles inserem novas dinâmicas de uso e disputas da ocupação do espaço. A pandemia exigiu novas formas de agir e se organizar e as ações do Marmitas são um bom exemplo de como foi possível avançar no combate à fome.

Através das respostas do questionário foi possível apontar que os/as militantes fazem parte de um grupo bastante heterogêneo, com diferentes faixas etárias e áreas de atuação. Quanto a idade, os/as entrevistados/as possuem entre 18 e 65 anos de idade ou mais, com destaque para as pessoas na faixa entre 30 e 39 anos de idade, sendo que é predominante a atuação das mulheres em relação aos homens (63%).

Destaca-se o protagonismo que as mulheres do coletivo construíram através do cotidiano das atividades, o que demonstra que mesmo em condições adversas, a reorganização da sociedade e a conscientização promovem ações coletivas de cuidado e de combate a fome.

Quando observamos o local de moradia, vemos que os participantes do Marmitas estão para além da cidade de Curitiba (78%), visto que também há

participantes de outras cidades da Região Metropolitana de Curitiba (RMC), como São José dos Pinhais, Pinhais, Colombo, Araucária, Campo Magro e da Lapa e Maringá.

Servidora pública, médica, professora de educação especial, aposentadas, cozinheira, analista, agricultor, servidor público, psicóloga, consultora de TI (Tecnologia da Informação), jornalistas, estudante/estagiária, produtor audiovisual, cultural e comunicação, nutricionista são algumas das profissões que os/as militantes atuam e foi o home office, o desemprego, as aulas remotas e regimes híbridos e outras transformações no trabalho frutos da pandemia que permitiram uma conciliação entre o trabalho formal (ou a busca por novos empregos) e as atividades do coletivo.

Outro ponto de atenção ao tabular os questionários foi a forma como as pessoas conheceram e se inseriram no coletivo. Em primeiro lugar como porta de entrada está a indicação e convite de outros participantes, fato que ocorreu com quase metade das situações, sendo que as redes sociais como Instagram e Facebook e a militância prévia em outros coletivos somados também foram importantes vias de aproximação e divulgação.

A partir das respostas e das vivências percebe-se que havia um núcleo inicial composto por militantes do MST e no decorrer dos anos de 2020 a 2023 houve períodos de chegada de novos militantes no coletivo, como nas entregas semanais às quartas-feiras que ocorrem até dezembro de 2022, e situações mais pontuais como os mutirões mensais no Assentamento Contestado, na Lapa, e festas e eventos em Curitiba organizados pelo coletivo no período da campanha eleitoral no contexto dos Comitês Populares.

Quando questionados sobre a fome, os militantes apontam que esse ainda é um problema social muito relevante e no contexto de Curitiba as ações do coletivo junto às populações mais vulneráveis não são apenas fornecer marmitas ou alimentos, mas gerar processos de organização social, conforme a transcrição de algumas respostas obtidas.

[Relato 01] As ações de entrega de marmita das quartas que ocorriam no centro é um exemplo direto de forma de enfrentamento de fome de vários grupos vulneráveis, entre eles moradores de rua e catadores. A entrega de alimentos agora em grupos periféricos, política e juridicamente ignorados, muitas vezes tendo que lutar pela permanência de habitar aquele espaço por ameaça de despejo e disputa com grupos de poder, além de ser uma forma de enfrentamento da fome, é também uma forma de resistência e apoio a esses grupos ameaçados.

[Relato 02] Por trás da Curitiba dos cartões postais existe uma capital fria e com uma grande população em situação de vulnerabilidade, que precisa do apoio de iniciativas como as Marmitas da Terra para minimizar os efeitos da fome para a população em situação de rua. As iniciativas dos Marmitas nos mostram que coletivamente podemos fazer muito para ajudar a quem não tem recursos para se alimentar, um direito básico de todo cidadão e que é ignorado pelas autoridades competentes para tais finalidades.

Relatos como esses são significativos porque demonstram que há uma intencionalidade nas ações de solidariedade que visa organização, resistência e promoção de direitos básicos, questionando o acesso a direitos que são sistematicamente negados, como a moradia e a alimentação. Há uma construção de vínculos e ações que promovem o conhecimento e ressignificam a atuação no Movimento Sem-Terra no espaço urbano, desconstruindo uma visão que criminaliza aqueles que lutam pelo acesso à terra.

Uma das questões propostas tinha como foco as aprendizagens que a atuação no coletivo trouxe individualmente para o militante. Aqui está um dos pontos centrais desta experiência de organização popular e a seguir transcrevemos trechos de três breves relatos que sintetizam aprendizagens significativas

[Relato 03] As diferentes histórias de vida, as variadas estratégias de lutar pelo bem-viver, a paciência carinhosa, a raiva legítima, a potência de um coletivo humano, a alegria em fazer parte de algo grande, forte e bonito. São coisas que ouvi, senti e aprendi enquanto estava com a mão na terra. Isso tudo acompanhado de aprendizagem técnicas e práticas como manejo da terra, saberes da agroecologia, cuidado com o preparo de alimentos.

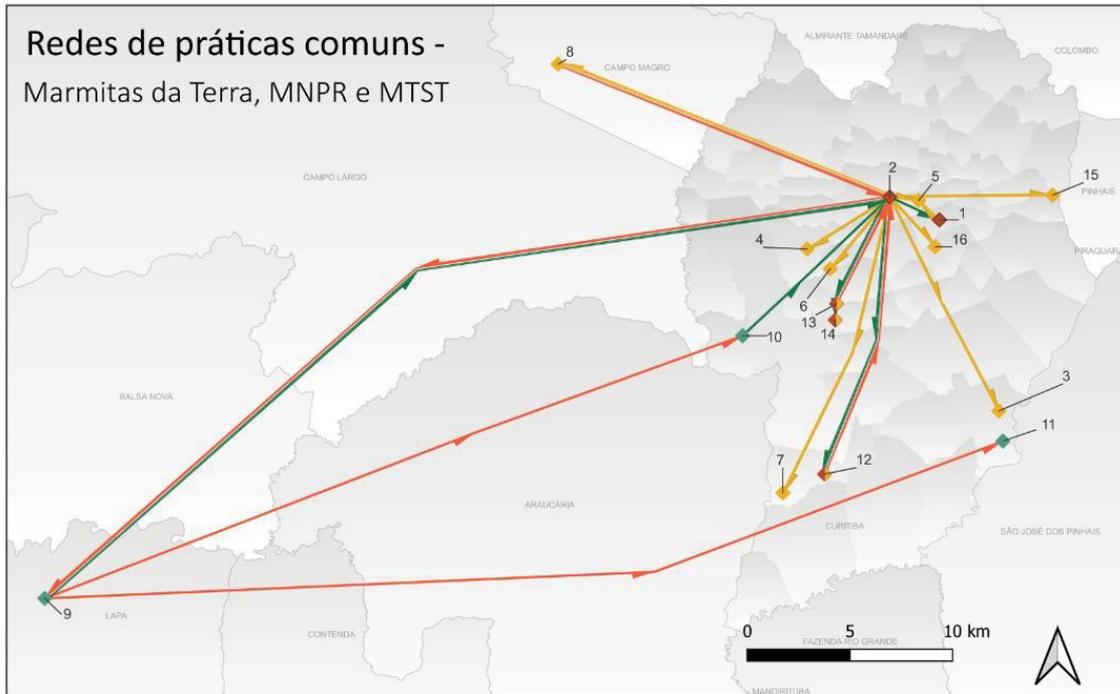
[Relato 04] Aprendi sobre a importância da solidariedade e da força do coletivo, em como é possível se construir realidades sociais diferentes da convencional a partir da união entre as pessoas.

[Relato 05] Poder ver na prática que políticas públicas podem ser responsáveis tanto por ajudar aqueles que passam necessidades quanto por aumentar a desigualdade. Também aprendi sobre agroecologia, agricultura e que com esforço coletivo podemos nos organizar para resolver ou amenizar problemas que sozinhos não conseguimos.

As respostas são diversas, mas dialogam entre si quando apontam a potência da coletividade, da agroecologia, de conectar a produção e o consumo de alimentos para aqueles que estão mais vulneráveis, a prática comum que conecta e promove tanto no campo como na cidade relações sociais mais humanizadoras.

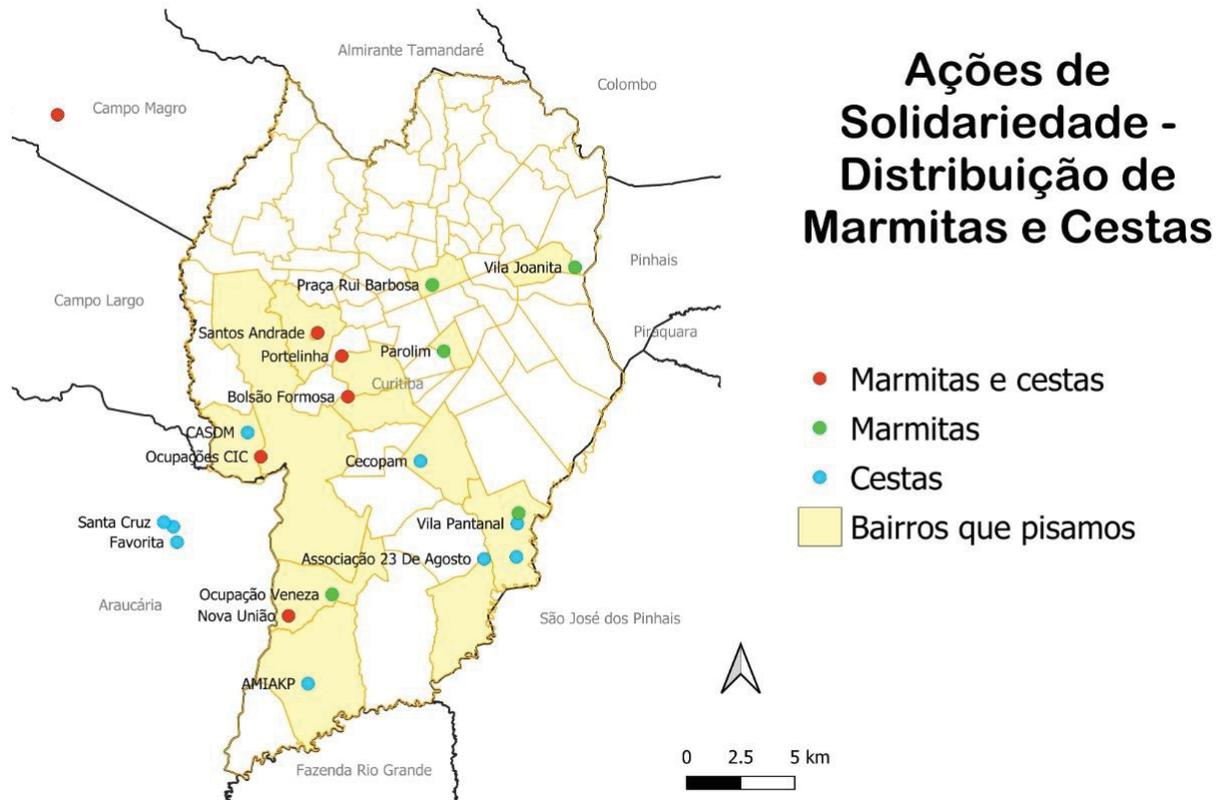
Por fim, apontamos que as trincheiras que ocupamos enquanto coletivo no enfrentamento da fome na capital somaram o fazimento de 180 mil marmitas, distribuídas nas Praças Tirantes e Rui Barbosa e nas comunidades e ocupações periféricas de Curitiba e RMC, conforme os cartogramas que seguem.

FIGURA 01: CARTOGRAMA REFERENTE ÀS REDES E CIRCUITOS DE COLABORAÇÃO DAS COZINHAS ORGANIZADOS POR MOVIMENTOS SOCIAIS (MST, MTST E MNPR)



- | | |
|---|---|
| 1- Cozinha do MNPR (SINTCON) | 9- Assentamento Contestado |
| 2- Cozinha do Marmitas da Terra (CEFURIA) | 10- Agrofloresta Papa Francisco |
| 3- Vila Pantanal e Chacrinha | 11- Horta da Chacrinha |
| 4- Comunidade Santos Andrade | 12- Ocupação Marielle Franco/ Cozinha do MTST |
| 5- Praça Rui Barbosa/ Tiradentes | 13- Cozinha da UMT |
| 6- Comunidade Portelinha | 14- Cozinha da UMT 2 |
| 7- Ocupação Nova União | 15- Vila Joanita |
| 8- Ocupação Nova Esperança | 16- Associação de catadores Automotores |

FIGURA 02: CARTOGRAMA REFERENTE ÀS TERRITORIALIZAÇÃO DAS AÇÕES DE SOLIDARIEDADE DO COLETIVO MARMITAS DA TERRA NO ANO DE 2020 E 2021.



Fonte: Acervo do Setor de Comunicação- MST PR (2021).

Os cartogramas apresentados nos ajudam a territorializar as ações solidárias do coletivo e demonstram que a ocupação do espaço público para combater a fome está tanto no centro da cidade, mas também nas comunidades periféricas, ocupações e áreas metropolitanas da capital paranaense.

No cartograma 01 fica evidente as tramas e a espacialidade que os espaços de produção, fazimento e distribuição de marmitas produzem, unindo e articulando trabalhos urbanos e rurais no combate à insegurança alimentar. No cartograma 02 é possível diferenciar as contribuições que o coletivo realiza, marcando em verde os grupos que recebem marmitas semanalmente, em vermelho os locais onde, além da marmitas, também são distribuídas cestas de alimentos e, em azul, apenas as comunidades atendidas com as cestas de produtos.

O conjunto dos dados cartográficos retratados aborda como os bairros localizados ao sul da cidade de Curitiba são aqueles que mais são atendidos com as ações de solidariedade, visto a quantidade de áreas de ocupações urbana como o

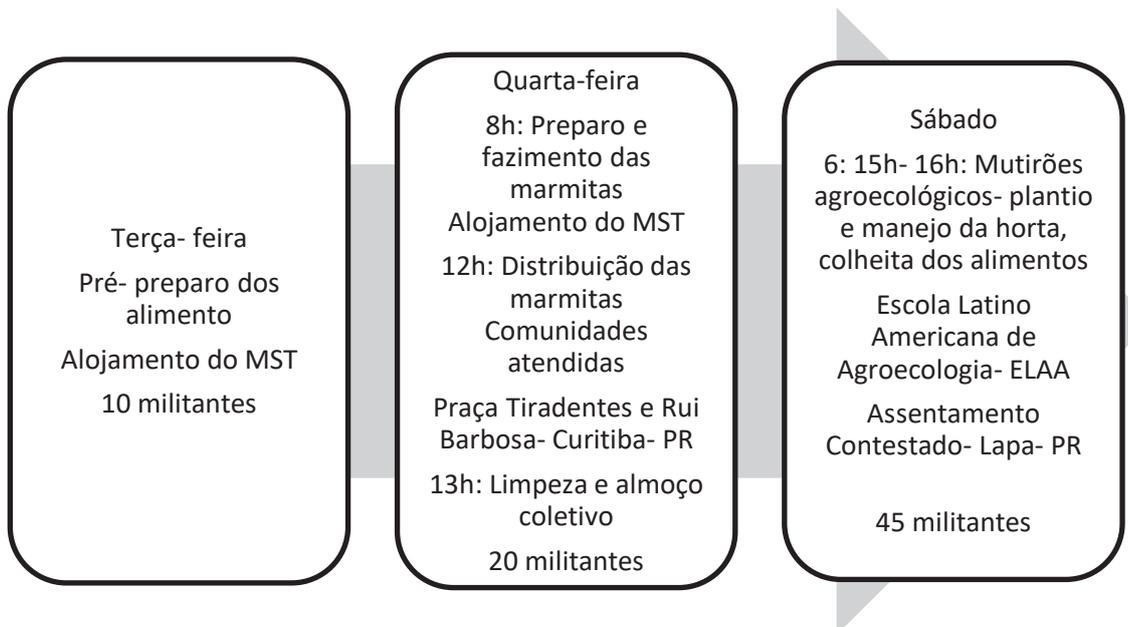
Bolsão Formosa, Ocupação Veneza, Ocupação no CIC, na Vila Pantanal e Nova União. No mapa, é possível perceber que os bairros fronteiriços aos municípios da Região Metropolitanas também se destacam pela quantidade de ações de combate à fome, demonstrando como o crescimento urbano da capital possibilita a conurbação com as cidades vizinhas e cria áreas de maior vulnerabilidade social.

3.2. SOBRE COTIDIANOS, REDES E CONEXÕES

Chegar às quartas feiras de manhã no alojamento do MST em Curitiba era encontrar um fogão à lenha em plena operação e diferentes equipes no preparo dos alimentos, seja lavando, picando, ralando, descascando ou selecionando as opções do cardápio do dia ou manejando grandes panelas quentes e conchas de feijão e arroz para montar as marmitas fresquinhas.

Os momentos que tornam possível as entregas de marmitas se dividem entre o plantio e produção dos alimentos, o preparo, a distribuição das marmitas até as demais ações de mobilização e formação política realizados. Como as atividades ocorrem em tempos e espaços distintos, organizamos a semana no fluxograma a seguir.

FLUXOGRAMA 01. ORGANIZAÇÃO SEMANAL DO COLETIVO MARMITAS DA TERRA- PREPARO DAS MARMITAS E MUTIRÃO AGROECOLÓGICO.



Fonte: Elaborado pela autora. (2023)

3.3. O PRODUIZIR- PLANTIO

No dia 26 de setembro do ano de 2020 o Coletivo Marmitas da Terra, ao perceber o aumento da demanda semanal por alimentos, inicia uma parceria com a Escola Latino-Americana de Agroecologia, localizada no Assentamento Contestado, Lapa- PR. O objetivo era produzir alimentos de maneira agroecológica que pudessem abastecer as marmitas do coletivo e contribuir com as demais cozinhas comunitárias parceiras, compondo um repertório de ações de solidariedade.

Diferente de outras propostas que distribuem alimentos para população pobres nos grandes centros urbanos, outro ponto da energia criativa dos movimentos sociais é perceber a necessidade de juntar camponeses e trabalhadores da cidade e colocar a mão na terra, nas sementes e na luta, mesmo em um contexto de pandemia e isolamento social.

Conforme apresentado no fluxograma, os mutirões no Assentamento Contestado ocorrem aos sábados pela manhã e deslocam para o meio rural trabalhadores, aposentados, jovens e estudantes que desejam contribuir com o projeto de produzir alimento ou ter vivências de manejo de agroflorestas. A seguir, apresentamos um convite para o mutirão postado nas redes sociais para divulgação da atividade, com saída para as 6:15h e com o deslocamento feito através de ônibus.

IMAGEM 01. CONVITE PARA O MUTIRÃO NO ASSENTAMENTO CONTESTADO- LAPA/PR.



Fonte: Acervo do Setor de Comunicação- MST PR (2023).

A maioria dos militantes que contribuem nos sábados de mutirão são urbanos e não sabiam plantar hortaliças e verduras ou sequer conheciam a diferença entre as mudas de escarola e repolho. Estar na horta e ser direcionado por agricultores/educadores da Escola Latina ensinou aos militantes a importância de preparar o solo e os canteiros, saber podar bananeiras, medir a distância correta e as culturas que podem ou não estar plantadas em consorciamento. A seguir estão alguns registros das acolhidas que ocorrem antes dos mutirões e da horta e canteiros manejados aos sábados.

IMAGEM 02. ACOLHIDA NO MUTIRÃO DO DIA 05/08/2023. FOTO: LEONARDO HENRIQUE



Fonte: Acervo do Setor de Comunicação- MST PR (2023).

IMAGEM 03. TRABALHO COLETIVO NA HORTA DA ESCOLA LATINA. FOTO: JULIANA BARBOSA.



Fonte: Acervo do Setor de Comunicação- MST PR (2022).

Estar junto à natureza e às áreas de cultivo, experienciar os almoços coletivos após os mutirões e a satisfação do trabalho coletivo realizado a cada sábado, mesmo com sol, chuva ou baixas temperaturas, alimenta a mística nos militantes de que o fazer coletivo e a organização popular gera bons frutos e é potente.

Toda essa produção já gerou 19 toneladas de alimentos produzidos de maneira agroecológica no decorrer dos três anos de atuação do coletivo e distribuiu a produção tanto para a demanda interna quanto para outras 16 comunidades em Curitiba e Região Metropolitana, conforme a figura 02, referente ao cartograma de territorialização das ações de solidariedade do Coletivo Marmitas da Terra no ano de 2020 e 2021.

3.4. O FAZER COLETIVO- FAZIMENTO

A experiência do Coletivo Marmitas da Terras e sua luta para produzir e distribuir alimentos na capital paranaense cria redes e vínculos no território urbano, promove encontros e gera compromissos.

A rotina do pré-preparo começava nas terças-feiras à tarde, com a seleção, lavagem e higienização dos alimentos colhidos na horta da Lapa - PR. Havia um

planejamento do cardápio e organização dos preparativos do dia seguinte, como etiquetar com o símbolo do coletivo as embalagens das marmitas.

Uma pequena equipe ficava responsável pelo preparo do arroz, que demandava tempo e iniciava entre 4h e 5h da manhã, e os demais militantes iniciavam as atividades às 8h da manhã. O trabalho era dividido em equipes e a cada semana o coletivo foi aprimorando o seu fazimento, seja com facas novas, descascadores, bacias, tábuas, até conseguir um processador elétrico que facilitou muito o trabalho.

Na metade da manhã uma grande linha de montagem ganhava forma e a cada mesa cheia de marmita enfileiradas, eram mais 90 marmitas a caminho das praças ou comunidades atendidas. Cada marmita possui arroz, feijão, uma proteína, três opções de saladas e farofa, com algumas pequenas variações semanais e cada pessoa na linha de montagem era responsável em abastecer todas as marmitas, respeitando uma estética que tornava ainda mais atrativa a marmita, conforme a imagem a seguir.

IMAGEM 04. PRODUÇÃO DAS MARMITAS DA TERRA. FOTO: LEONARDO HENRIQUE



Fonte: Acervo do Setor de Comunicação- MST PR (2022).

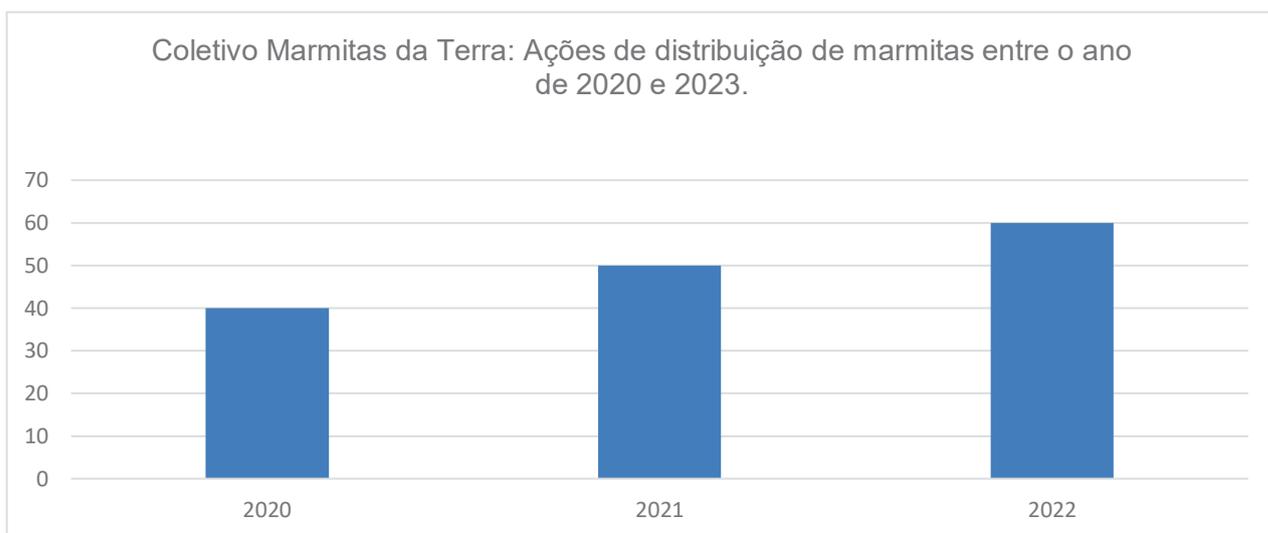
O trabalho em sintonia ganhava um ritmo e após a montagem outro grupo já tampava as marmitas, limpava as mesas e reiniciava o processo de enfileirar novas marmitas vazias, operação que se repetia muitas vezes tendo em vista as 1.300 refeições que eram produzidas por semana.

Raul Zibech, ao refletir sobre práticas emancipatórias na América Latina, elenca a importância dos sujeitos territorializados criarem alternativas ao sistema de modo a produzir modos de fazer emancipados, em seus próprios ritmos e experiências. Para o autor:

[...] diversos modos de fazer emancipatórios se assentam, e tem em comum, a criação e a produção de relações sociais de um novo tipo, não capitalista, baseadas na reciprocidade, na autonomia, na fraternidade, na autogestão e na convivência comunitária. (ZIBECH, p. 125)

Quando somadas, as ações de fazer as marmitas do coletivo ao longo da pandemia, temos a seguinte soma de ações solidárias.

GRÁFICO 02: COLETIVO MARMITAS DA TERRA: AÇÕES DE DISTRIBUIÇÃO DE MARMITAS ENTRE O ANO DE 2020 E 2023



Fonte: Acervo do Setor de Comunicação- MST PR (2023).

O gráfico 02 aponta o aumento das ações de distribuições de marmitas, que exigiram organização, cooperação e trabalho. Desta forma, descrever o fazimento das marmitas e a resistência cotidiana é apontar para práticas sociais emancipatórias territorializadas que sabem que comer é um ato político e que o combate à fome também é. Prática de quem sabe de que para combater a fome nas cidades é preciso considerar o acesso à terra e a união dos povos do campo e da cidade.

3.5. O DISTRIBUIR- PARTILHAR SOLIDARIEDADE

Após o plantio, a colheita, o pré-preparo e o fazimento, chega a hora de organizar as caixas com as marmitas produzidas e esperar os responsáveis das comunidades virem buscar as marmitas já separadas. Outro grupo organiza o carro com os voluntários que irão para as praças organizar as filas e a distribuição das marmitas, dos talheres, da água, frutas e de passar álcool em gel nas muitas mãos que aguardam para comer.

O carro com as marmitas inicia seu trajeto rumo a Praça Rui Barbosa, que possui a maior número de pessoas aguardando a refeição, geralmente com três filas, sendo uma destinada para as mulheres. A fome não espera e às 12:00h os carros estacionam, caixas são retiradas e inicia-se a distribuição das marmitas.

Em apenas 10 minutos distribuímos mais de 400 marmitas e sabemos que aqueles que ainda não conseguiram almoçar vão precisar esperar o segundo lote de marmitas que já está a caminho. Na fila vemos pessoas em situação de rua, idosos, catadores de material reciclável, mães, avós e trabalhadores informais que precisam se alimentar. As imagens 05 e 06 ilustram como ocorre a organização das filas e as entregas realizadas nas quartas-feiras.

IMAGEM 05. FILA PARA RECEBER AS MARMITAS DA TERRA NA CAPITAL DO PARANÁ. FOTO: LEONARDO HENRIQUE



Fonte: Acervo do Setor de Comunicação- MST PR (2022).

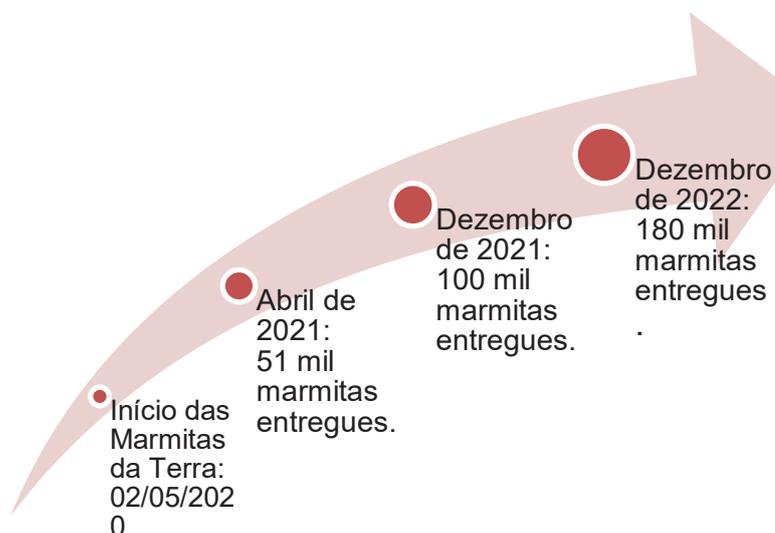
IMAGEM 06. AÇÃO DE ENTREGAS DE MARMITAS NA PRAÇA RUI BARBOSA. FOTO: LEONARDO HENRIQUE.



Fonte: Acervo do Setor de Comunicação- MST PR (2022).

As idas semanais para as praças permitem perceber que a chegada das marmitas nestes locais gerou vínculos, conforme aponta Zibech (2006), e modificou o uso do espaço urbano ao dar visibilidade para um problema social que passa muitas vezes ora despercebida ora ocultada por tantos transeuntes que cruzam o centro da cidade. Na sistematização a seguir é possível observar a quantidade de marmitas entregues no decorrer dos anos de 2020 a 2022.

IMAGEM 07. QUANTIFICANDO AS AÇÃO DE ENTREGAS DE MARMITAS DO COLETIVO



Fonte: Setor de Comunicação- MST PR (2022).

Por deliberação do coletivo as ações semanais de preparo das Marmitas da Terra ocorreram até dezembro do ano de 2022 e as ações de mutirão no Assentamento Contestado e distribuição dos alimentos para as comunidades permanecem. A continuidade dos mutirões e distribuições de alimento direto nas cozinhas comunitárias é uma forma de manter os vínculos com as comunidades e aproximar novos e antigos militantes do coletivo e de companheiros de outros movimentos sociais e organizações populares parceiros com os fazeres da organização popular e da agroecologia na prática. Busca-se assim manter ativo os acúmulos políticos e organizativos que o período de pandemia trouxe, os vínculos e os avanços comunitários gerados.

3.6. PARA ALÉM DAS MARMITAS

Com o término da pandemia de COVID 19 no ano de 2023 e depois de todas as ações cotidianas de produção e distribuição dos alimentos, o coletivo passa por uma nova dinâmica interna, voltada para uma atuação descentralizada em Núcleos de Base- NBs.

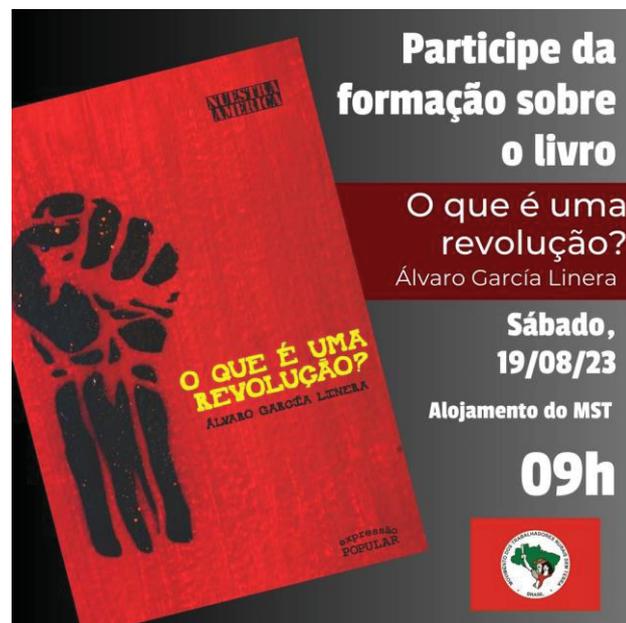
Hoje o movimento conta com 7 coletivos, a saber: Educação, Saúde, Infraestrutura, Jurídico, Formação Política, Captação de recursos e um grande núcleo que envolve Comunicação/ Agitação e Propaganda/ Juventude/ Cultura. As ações promovidas atualmente estão voltadas para as periferias da cidade, em áreas de ocupação e de mobilização popular e consistem em reforço escolar e atividades de alfabetização, apoio jurídico, mutirões agroecológicos, doações de alimentos para cozinhas comunitárias e festas e captação de recursos para as atividades do coletivo. Abaixo temos um exemplo das atividades recentes desenvolvidas.

IMAGEM 08. CONVITE DA FESTA ARRAIA #TÔCOMMST.



Fonte: Acervo do Setor de Comunicação- MST PR (2023).

IMAGEM 09. DIVULGAÇÃO DO ESPAÇO DE FORMAÇÃO POLÍTICA.



Fonte: Acervo do Setor de Comunicação- MST PR (2023)

A imagem 09 finaliza esse momento do texto apontando que o coletivo reflete não apenas sobre a prática, mas também sobre a teoria e as novas necessidades que o trabalho dos movimentos sociais no espaço urbano exige e que se colocam para além da alimentação, visto que não queremos apenas comida, queremos comida,

diversão, arte e todos os demais direitos que são negados para muitas parcelas da sociedade brasileira.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a sistematização da análise de conjuntura e das ações do Coletivo Marmitas da Terra no decorrer do artigo destaca-se a centralidade que a solidariedade e a luta pela terra no Brasil. O Marmitas expressa em suas diversas formas de atuação o que Porto-Gonçalves chama de energia criativa dos movimentos sociais. O autor também destaca que

Os processos em curso na América Latina/ Abya Yala nos permitem afirmar que os movimentos sociais, mais que os partidos políticos, têm tido um papel decisivo na mudança da agenda política, sobretudo na debilitação da agenda neoliberal. (PORTO- GONÇALVES, 2017, p. 29)

Mesmo com uma relação de forças tão desfavorável, com riscos de multa pela prefeitura municipal e riscos de saúde em relação a contaminação de COVID 19, vimos que a organização popular e a consciência geram um acúmulo político que mobiliza militantes e se expressa em mais de 180 mil marmitas entregues e 19 toneladas de alimentos agroecológicos produzidos e distribuídos, em um processo que envolveu mais de 10 mil pessoas entre aqueles que produziram, distribuíram, prepararam e consumiram os alimentos no decorrer desses 3 anos.

Vemos aqui a construção de processos de autonomia e relação com o outro, seja no contexto urbano e no contexto rural. Vemos na coletividade a criação de vínculos afetivos que tornam mais humanos e sensíveis os companheiros e companheiras envolvidos no cotidiano gerado pelas ações coletivas.

Na experiência relatada também é possível perceber o que Zibech (2006) chama de processos de desalienação coletiva, gerado via práticas sociais com sentidos emancipatórios. Para o autor, são as práticas sociais dinâmicas aquelas que ampliam os horizontes da autonomia e da emancipação. A resistência está no movimentar-se, na ação coletiva, na reflexão pois é na vida, no cotidiano e a partir do chão que pisamos que podemos plantar e colher um mundo com menos fome e mais justiça social e Reforma Agrária Popular. Faz escuro, mas seguimos cantando e plantando, até a breve alvorada camponesa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Ministério do Direitos Humanos e da Cidadania. **POPULAÇÃO EM SITUAÇÃO DE RUA - Diagnóstico com base nos dados e informações disponíveis em registros administrativos e sistemas do Governo Federal**. Brasília: MDHC, 2023. Disponível em: [relat_pop_rua_digital.pdf \(www.gov.br\)](http://relat_pop_rua_digital.pdf(www.gov.br)). Acesso em: 16 de setembro de 2023.

CASTRO, Josué de. **Geografia da fome: a fome no Brasil**. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1946.

FAO, IFAD, UNICEF, WFP and WHO. **The State of Food Security and Nutrition in the World 2020**. Transforming food systems for affordable healthy diets. Rome, FAO. 2020

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

_____. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra; 2004.

GOLDFARB, Yamila. Expansão da soja e financeirização da agricultura como expressões recentes do regime alimentar corporativo no Brasil e na Argentina: o exemplo da Cargill. **Revista Nera**, Presidente Prudente, n. 28, p. 32-67, 2015.

_____. A agricultura a partir do neoliberalismo: financeirização, poder corporativo e as ameaças à soberania alimentar. **Agrária**, São Paulo, n. 17, p. 42-58, 2012.

LUNARDON, Kauan. **Cozinhando em comum**. 2022. Dissertação (Mestrado em Geografia) –Universidade Federal do Paraná. Curitiba, p. 242. 2022.

PENSSAN, Rede. (2022). **2º Inquérito Nacional sobre Insegurança Alimentar no contexto da pandemia da COVID-19 no Brasil**. Rio de Janeiro: Rede Penssan. <https://pesquisassan.net.br/2o-inquerito-nacional-sobre-inseguranca-alimentar-no-contexto-da-pandemia-da-covid-19-no-brasil/>

PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. **De utopias e de topoi: espaço e poder em questão (perspectivas desde algumas experiências de lutas sociais na América**

Latina/abya yala). **Geographia Opportuno Tempore**, Londrina, v. 3, n. 2, p. 10-58, 2017.

_____. Pela Vida, pela Dignidade e pelo Território: um novo léxico teórico político desde as lutas sociais na América Latina/Abya Yala/Quilombola. **POLIS, Revista Latinoamericana [en línea]**. 2015, 14(41), 237-251[fecha de Consulta 24 de Noviembre de 2023]. ISSN: 0717-6554. Disponible en: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=30541588017>

Rede PENSSAN. **II Inquérito Nacional sobre Insegurança Alimentar no Contexto da Pandemia da COVID-19 no Brasil: II VIGISAN**. Relatório final. São Paulo: Fundação Friedrich Ebert/Rede PENSSAN; 2022.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. São Paulo: Record, 2000.

SOUZA, Herbert José de. **Análise de conjuntura**. Rio de Janeiro: Vozes, 1984.

VEIGA, Edison. Como o Brasil chegou ao atual cenário de fome?. Folha de S. Paulo. **São Paulo**, 07/02/2022. Seção Economia. Acesso em: 27/005/2022

ZIBECHI, Raúl. La emancipación como producción de vínculos. **Los desafíos de las emancipaciones en un contexto militarizado**. Cecena, Ana Esther. CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina, 2006. p. 123-149, 2006.